

QUARTA-FEIRA
Lisboa -- 18 de Março de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

252



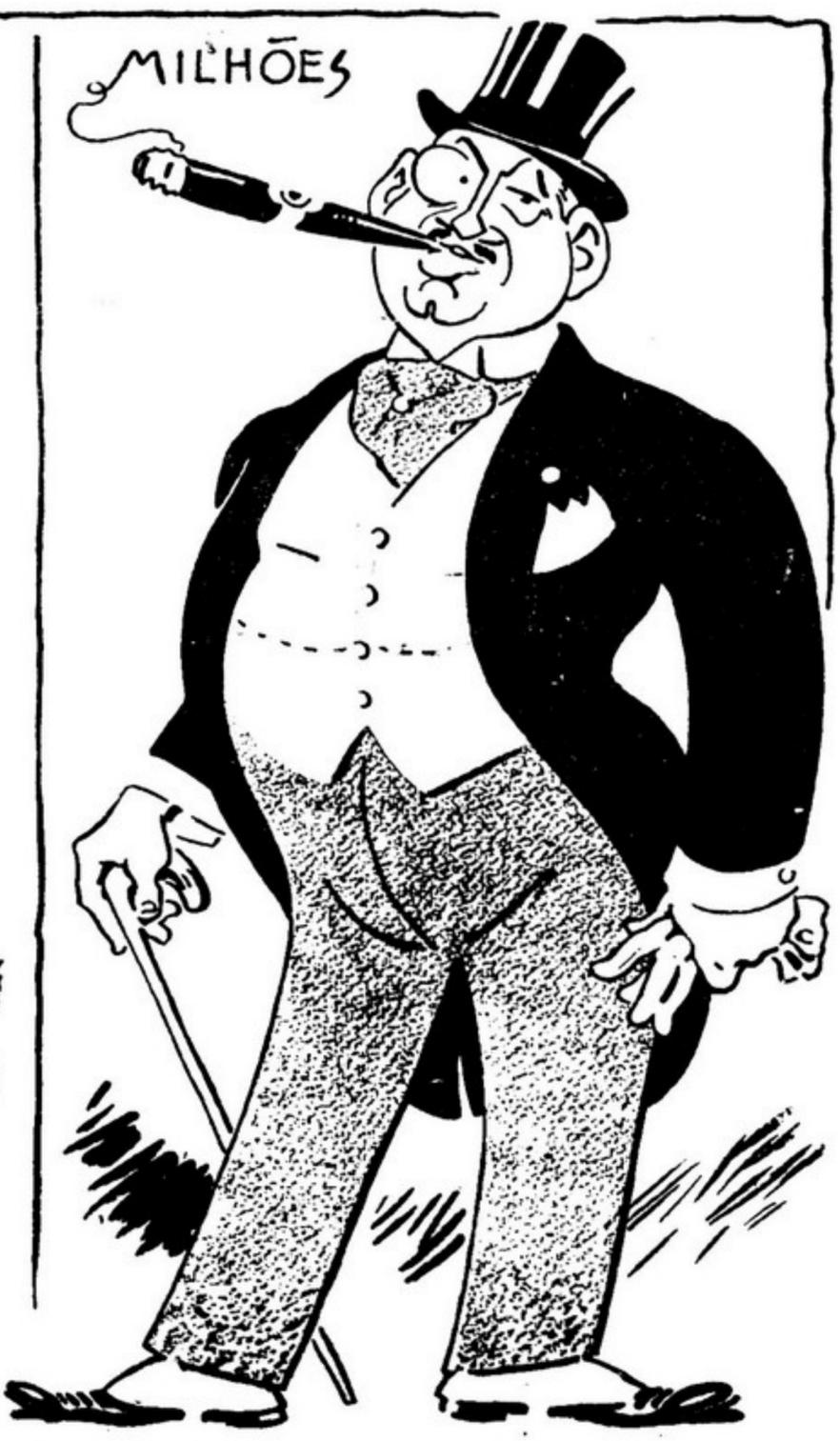
sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A " DESFALCATRUA " EPIDEMICA



DANTES!
— Cuidado com os bolsos!

ADORA!
— Cuidado com os cofres!



Os ditos da semana



O periquito Ha dias, em Santa Marta, fugiu um periquito da gaiola. Lembrando-se de que tinha azas e do tempo em que andava por Africa, de coqueiro para coqueiro, poz-se a voar e, como não havia de pousar na cabeça dos transeuntes, embora alguns, tal qual como os coqueiros, tambem levassem côco, dependurou-se nos fios telefonicos.

A corrente que levava presa no pé, lembrando-se por sua vez de que era corrente e, como corrente que era, servia para prender—o que tambem é muito corrente—engatou-se no fio e eis o gracioso bicho a debater-se com a ventania e com a curiosidade do mulheiro.

Intervieram os bombeiros com uma escada Magirus, enquanto as senhoras visinhas faziam preces pela salvacão do animal e abençoavam o abnegado e desinteressado gesto do bombeiro que se poz na ponta da escada a fingir de periquito.

Tratava-se de soltar o bicho, de salva-lo enfim. Mas salvá-lo para quê? Para lhe restituir a liberdade, para lhe dar carta de alforria? Não; apenas para lhe dar painço e encarcera-lo de novo na gaiola.

No fundo, toda aquela gente, não acudia ao periquito, acudia à dona inconsolavel que não se resignava a perder a sua qualidade de carcereira. Fosse como fosse, ao cabo de laboriosas operações, o bombeiro deitava-lhe a mão e, no meio da comoção geral, o pobre periquito, armado em filho prodigo, regressava ao lar.

Não houve toguetes, mas não faltaram as lagrimas de júbilo. Santa Marta esteve em festa.

Instalado novamente nos seus antigos aposentos, o periquito circunvagando o olhar em volta, exclamou:

—Ora bolas! Lá em cima ao menos havia melhor vista.

Um conflicto As fabricas da cerveja andam brigadas com os revendedores por causa do gelo.

Parece que o caso se resume em pouco. As fabricas davam o gelo para refrescar a cerveja e os revendedores vendiam-no para aquecer as algibeiras. Resultado: não haver cerveja à venda. E anda-se nisto ha uns poucos de dias, de parte a parte à espera que o gelo se derreta.

Quanto a nós o problema

só tem uma soluçào—beber vinho e esperar que o bom senso venha a pôr uma pedra... de gelo sobre o caso. Por enquanto ainda está muito quente.

Um pate... Thomas Pate, ultimo rebento de uma familia inglesa que ha 200 anos emigrou para Italia, deixou toda a sua fortuna, cerca de 110.000 libras ao Papa.

Nós logo vimos que ele era pate...

Sem cobertura Aparecem frequentemente, nos jornais, umas noticias que dizem mais ou menos assim: «Burla. F. passou um cheque

a favor de cirano, mas no banco informaram que o referido cheque não tinha cobertura.»

Mas porque se chama a isto uma burla? Porquê? Porque o cheque não tinha cobertura? Mas isso não engana, não ilude ninguem, não burla ninguem. É uma coisa apresentada às claras, sem sofisma, sem cobertura nenhuma.

Burla seria apresentar o cheque com uma cobertura qualquer para que não se visse que era falso.

Chuva A chuva por que suspirava a agricultura fez-se esperar, mas veio. E como percebeu que era desejada deixou-se ficar. Um dia por outro vai a dar uma voltinha,

mas pouco se demora. Dali a um instante apresenta-se ao serviço e chove, para alegria das hortaliças. Quasi que foi preciso fazer preces para ela vir, mas ha de ser necessario fazelas para que a chuva se vá embora.

Em todo o caso andamos com sorte, porque em Portugal só chove agua, ao contrario de Espanha onde chove tinta encarnada, e na Jugoslavia onde chove uma coisa amarela que pelo nome não perca.

É picaretas?...

Mais um livro Mercedes Blasco acaba de publicar mais um livro, «O homem que deu o seu cerebro.»

Esta novela escreveu-a Mercedes Blasco a pedido de Alvaro R... que de Timor lhe sugeriu a ideia de uma obra em que os homens não fossem mal tratados. E, porque para a Mercedes não ha dificuldades, lançou mão da pena e traçou este livro que é uma especie de «poetnet me» de tudo quanto tem dito do sexo forte que sempre foi fraco ao pé dela.

Como sempre, bom estilo, boas ideias e bom português, porque a Mercedes não é daquelas literatas que escrevem amor com W.

Leia o leitor este livro com carinho e verá que no fim, se não lhe der o seu cerebro, dá-lhe pelo menos o seu coração.

—Oh! Mercedes, parabens!

Perguntas sem resposta Como se sabe qual é o oitavo dia antes do parto?

J. Vieira Natividade



Alcobaca orgulha-se da posse das melhores arvores de fruto e da «arvore» genealogica dos Natividades, que tão bons frutos tem produzido. Ha um deles, são como um pé de laranja, está na companhia da competência em trazer, com o fruto e a semente, nos seus ramos e folhas, o Republicano convicto, apenas transige com a paz nel e com a Rainha Claudia.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas voluntariamente.

Logo, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O fim da jornada da companhia do Politeama é com uma peça inglesa. Nessa peça só entram homens.

Um conselho:

Vejam se arranjam um papeliño de sogra para Maria Matos, senão não vai lá ninguém...

■ ■ ■

MAIS uns capitulos do Romance no Nacional.

E' o maior romance quenós temos visto até hoje.

■ ■ ■

NA peça *Domus* pretende-se do *mus...tcar* uma rapariga que queria o divórcio.

Afinal, quem se divorciou da peça foi o publico e quem pagou os selos e custas do processo foi a empresa...

■ ■ ■

OS Artistas Unidos andam a mostrar o *Meu Menino* pela provincia.

Oxalá nao o constipem!

■ ■ ■

OS nossos maestros compositores deviam ir dar um passeio até ao Variedades para verem como aqueles que não se gabam de ser maestros compositores sabem fazer musica.

No *Tareco*, até os *fors* americanos são portugueses!...

■ ■ ■

O languista Rubens de Lrena recebe todos os dias declarações de amor.

Meninas apaixonadas! Tenham cuidado porque o rapaz é excessivamente magro...

■ ■ ■

SAMWEL Diniz vai ser promovido.

De Sumo Pontifice, vai passar a

Cristo, na peça que sobe á scena pela Páscoa, no Trinidade.

Discordamos, no entanto, que ele vá desempenhar esse papel. Sendo Cristo o principal papel da peça e sendo Chaby Pinheiro o primeiro artista da companhia, não estava naturalmente indicado que fôsse este artista quem o desempenhasse?

E depois não querem que as peças vão abaixo!... Não fazem a distribuição das peças a caracter...

■ ■ ■

SEGUIU para Paris o escritor teatral Lino Ferreira. Quando regressar, teremos mais quatro revistas...

■ ■ ■

O dr. Ramada Curto declarou ao *Jornal dos Teatros* que não temos teatro nem critica.

Então, se não temos teatro, o que são as peças que ele tem feito? Então, se não temos critica, como se ha de chamar a *tosas* que ele levou no *Diabo em casa*?

Sempre *blagueur*, o nosso Ramada...

■ ■ ■

A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro vai representar o *Processo de Mary Dugan*.

Ainda é o melhor processo para o publico lá ir...

■ ■ ■

AS três primeiras figuras femininas da companhia José Cllmaco, qua está em ablativos de viagem para o Brasil, são: Auzenda de Oliveira, Adelina Fernandes e Elisa Carreira.

Mas quem é a primeira? A primeira é que nós queriamos saber...

O conhecido *compere* Carlos Leal vai desempenhar brevemente, numa revista, o papel de actor.

Se fôr tão bem feito como o *compere* do *Zaz-Traz-Paz* não haja duvidas que deve sair coisa assada!...

■ ■ ■

ANUNCIA-SE mais uma revista. Esta de Felix Bermudes, João Bastos e Alberto Barbosa.

Chamar-se-ha *Agua Vai*?

Vamos ficar todos molhados!

Que agrade — é o nosso desejo!

■ ■ ■

CONSTA que Amelia Pereira vai regressar ao genero revisteiro.

E o Seixas?

O Seixas tambem vai!...

■ ■ ■

O Maria Vitoria está sempre a esgotar com o *Zaz-Traz-Paz* — dizem os anuncios. Mas será verdade? E', muito embora pareça incredibile. O Lopo Lauer até já cresceu mais um palmo!...

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«Um grupo de associados pretende realizar a propaganda no sentido de serem eleitos para os corpos gerentes da Sociedade de Autores, nas proximas eleições, apenas elementos da maior probidade desta colectividade.»

Gato escaldado de agua fria tem medo!...

■ ■ ■

COMO sempre, nesta secção, falta falar de Eriço Braga.

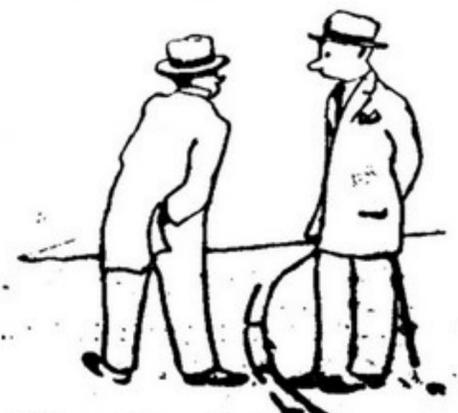
Esta semana apenas podemos informar os nossos leitores de que ele anda com os olhos postos na quasi ex-calva do nosso camarada Rogerio Perez...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

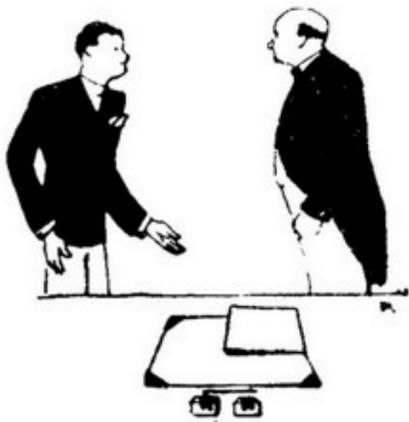
IGUALDADE



— Não faz mal. Também eu.



— Não faz mal. Também eu.



— Para ser admitido no meu escritório é preciso conhecer o meu negocio.

— Então estou nas condições; eu fui amante da sua dactilografa...

Graça dos outros

A nova criada:

A patrão: — Você disse que serviu em casa da condessa da Alemanha?

A criada: — E posso prová-lo! Todas as minhas camisas tem uma coroa de condessa...

★ ★ ★

Na Inglaterra:

— O nosso deputado diz que vai arrumar trabalho para os desempregados como nós!

— Eu bem te dizia! Temos que votar no troço.

★ ★ ★

Num baile:

Ela: — Ves aquele rapaz que está ali? Pois tem uma só te doida com as mulheres!

Ela: — Ninguém o diria!

Ela: — Pois é assim! Ninguém se quer casar com ele!

★ ★ ★

A mulher: — Como te podes defender quando eu for por toda a parte dizer que me envenenaste?

O marido: — Nada; pedirei que te façam a autópsia...

★ ★ ★

Famílias:

— Sonhava agora que estávamos comendo um bife de cebolada...

— De cebolada?

— Sim!

— Não quero! Não gosto de cebolada...

★ ★ ★

Na pensão:

A patrão: — Antena, aqui tem uma lista dos pratos que os hóspedes apreciam mais!

A criada: — Para quê, minha senhora?

A patrão: — Para não os fazer...

★ ★ ★

A saída da festa:

A dona da casa: — Muito boas noites. Lastimo que não tenha tido oportunidade de falar consigo um minuto.

Um convidado: — Muito boas noites! Passei uma noite deliciosa em sua casa...

★ ★ ★

Entre amigas:

— Meu marido ofereceu-me este vestido para celebrar os meus vinte e nove anos!

— Avé Maria! Quanto tardou...

★ ★ ★

— Já arranjei uma bela casa para os teus filhos!

— Mas eu não tenho filhos!

— Não faz mal! Servirá para os teus netos...

REGULAMENTOS

Declaração de amor

O caso talvez não tenha a graça que eu lhe achei mas eu não resisto à tentação de o contar aos leitores e peço-vos um favor. Se por acaso não achardes ao caso a tal graça que eu lhe achei, não digas nada, poupa-me esse desgosto e deixa-me viver na doce ilusão de que o caso afinal tem muitíssima graça. E posto isto vamos á historia.

Isto passou-se num estabelecimento bancario da capital e por sinal muito importante. Ora este Banco, chamemos-lhe assim, tem numerosissimo pessoal masculino e feminino. O pessoal é, como em quasi todos os Bancos e mesmo sem ser Bancos, dividido por diversas categorias.

Um rapazinho que nesse Banco exercia com todo o criterio e pior boa vontade possivel o lugar de aspirante, perdeu-se de amores por uma lindissima colega que exercia o lugar de amanuense de primeira, talvez quem sabe, se tambem com a pior boa vontade possivel.

Ao principio, o caso não passava de variadissimas olhadelas, daquelles olhos muito feios que só os rapazes sabem fazer e que dizem ser lindissimos e apaixonados. Depois passou-se das olhadelas ás piadinhas amorosas. «Você é linda», «Os seus olhos são duas azeitonas», e outras, muitas outras frases de muitissimo mau gosto, mas que os mesmos rapazes que fazem olhos bonitos dizem ser piadas de finissimo espirito ou «piropos», como chamam os espanhois, para não lhes chamarem outra coisa pior.

Um dia, o nosso homem, como visse que as piadas e as olhadelas não surtiam o efeito desejado, resolveu tomar o freio nos dentes e

declarar-se á pequena, empregada de primeira. A pequena não ligou nenhuma á declaração e elle, num segundo assomo de estupidez, envia-lhe a segunda declaração. Novo desdem de fazer esfriar repentinamente o Sol, da parte da já vastas vezes citada senhora e novo assomo de estupidez do bis-aspirante. Aspirante do Banco e aspirante da menina. Deste terceiro ataque surgiu o inevitavel: a terceira declaração. A menina, que era empregada de primeira, não ponde mais e declarou solenemente que: ou o cretino que tinha a ousadia de lhe escrever cartas se suicidava, ainda que provisoriamente, e não a massava mais, ou ella não resistia e ia fazer queixa aos directores do Banco.

O pobre do aspirante enguliu tudo aquilo, mas não desistiu e, plor do que uma colecção de aspirantes sem vaga na patente superior, resolveu tirar uma satisfação. Sim, lá que ella não gostasse dele, está bem. Agora que vá fazer queixa ao director do Banco, isso não, porque o director não tem nada com as paixões de cada um.

Naquella mesma tarde, o aspirante, ao sair, dirigiu-se á senhora por quem andava apaixonado e, muito digno, disse-lhe:

— Minha senhora, eu desejava que v. ex.ª me dissesse se cá no Banco ha, no regulamento, alguma disposição que proiba os empregados inferiores de fazerem declarações de amor aos seus colegas superiores.

O resto não interessa, porque eu garanto-lhes que foi aqui nesta altura que eu achei piada.

Portanto, leitor amigo, ri-te, se fazes favor, porque aqui é que é a altura devida.

FERNANDO D'AVILA.



— Para que é esse nó no lenço?

— E' para me lembrar que não devo beber vinho.

— Mas tu bebeste agora mesmo!

— E' que só o vejo quando vou para limpar a boca...

O apelo do morto

Após muitos dias de lamentáveis sofrimentos, o Chico Evangelista resolveu-se definitivamente a entregar a alma ao Creador.

Foi ontem a enterrar e justo é dizer-se que poucos terão levado tão lindo acompanhamento. Acompanharam-no á sua ultima morada, além de alguns amigos inconsolaveis e duma viuva bastante consolavel, não desfazendo, o que de melhor havia na rua, em todos os generos, incluindo o neutro, não contando com uma filharmonica especialmente contratada para festejar o acontecimento.

Aconteceu, porém, que chegou a tocar as raías do exagero o sentimento desmonstrado pelos presentes.

E, assim, ás demonstrações lamuriantas da viuva, que fazia em voz alta as contas do funeral, juntavam-se os acordes duma marcha funebre em segunda mão, mas em muito bom estado, e os comentarios sentimentais dos amigos, que nem sequer vinham á mistura, como é costume em actos tais, com qualquer anecdotinha picante que lhes adoçasse a sem-saboria.

O caminho dos Prazeres parecia assim mais comprido a todos, incluindo os gatos pingados, pingados no nome e no suor, que se lamentavam da viuva não ter pingado uma gorgetasinha.

E era de tal forma monotono o acompanhamento do Chico Evangelista, que ele proprio, não podendo conter-se, ergueu-se do caixão e exclamou:

— O' senhores! Pelo amor de Deus! Anímem isto, senão daqui a pouco vão dizer por aí que o meu enterro foi uma coisa tão estúpida que parecia o côrso do Carnaval na Avenida da Liberdade!

ANIBAL NAZARE.

Aos cronistas mundanos

Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques

Se sois ambos, da mãe d'agua,
Porque é que á casa da filha
Vindes, como maravilha,
Pôr meu coração em magua?!

Mais ardente que uma fragoa
A carteira se encarquilha...
Vosso blibete que trilha
Veio da mãe á filha d'agua!

Sois dois Carlos, dois mundanos,
Dois excellentes rapazes,
De quem eu, todos os anos,

Vejó os homes, nos cartazes...
So de massa e de tiranos,
Que os rapazes são todos!

AGUADENHO.



— Então que me dizem ao confilto da cervela?
— Não me faz diferença. Na quando vou á cervela com tre-
meços só como os tremeços.



TAC-TAC-TAC

"Superavit" familiar



— Não precisas de gastar muito quando me quiseres dar algum presente.

— Parece que adivinhas. Comprei-te hoje uma pequena lembrança.

— Se é alguma porcaria, podes guardá-la para ti.

O Gervasio, quando casou com a Lulú, era um rapaz desempenhado, trabalhador, honesto e alegre. Digamos: era quasi um homem feliz, *desideratum* para o qual só lhe faltava ser chefe dos serviços das sucursais coloniais dum Banco importante. Sim, porque se o futuro de Portugal está nas colonias (como comumente dizem), o futuro dos portugueses está nas... sucursais dos Bancos coloniais. Ou então a logica é, segundo afirmava Alexandre Herculano, um tupinambo (especie de batata), ou, para melhor dizer: um chifre avariado.

Digamos que a Lulú era o que se pode chamar um bicho mau: caprichoso, malcriado, calaceiro e deshonesto.

Mas como a preguiça é a mãe de todos os vícios, mas é também o Mousinho de Albuquerque de alguns idem, ela resolveu, depois de muita noite de insomnia, de muita comichona esteria, ser tudo quanto poderia ser de mau, excepto o que fosse possível do código no tocante ao divorcio—estado que só pode agradar ás idiotas ninfomaniacas, senhoras que, vivendo em reconditas provincias, não sabem ainda que, zangar-se uma pessoa com o seu editor, quando não é a ruína pura e simples, é, sempre, pelo menos, um grande sarilho.

O Gervasio era, sem duvida, uma pessoa calma. Internamente, isto é: em casa, era, simplesmente, um homem que queria que fizessem o que ele dizia. Ele, verdadeiramente, realizava o tipo vulgar, melhor: o prototipo do burguês republicano. Fra de casa, declarado liberal, democrata convicto, republicano ou historico ou, pelo menos, geografico.

Dentro de casa (aqui na «minha casa»), *schüü!* O seu estupor! Quem manda aqui sou eu. E prego-lhe já, já! já! duas bofetadas nas ventas, seu galego, ou sua galega, filha dum comboio de lasquinhas de unhas de javardo—e (não me faça zangar, que eu digo...) e de uma *camionette* de raspas de chifres de bois que até hoje vieram para o Mercado Geral desde a fundação da monarquia.

Isto,—graças a Deus, Nosso Senhor—, é Ele, em casa, o nosso *ilustre correligionario*.

Ora precisamente do que ele era fora de casa não cuidava Lulú. E como, em casa, ele era efectivamente um tanto ou quanto insuportavel, Lulú resolveu, um dia, fazer o seguinte:

Quando Gervasio entrava (aqui para nós, muitissimo bebado) a porta do domicilio conjugal, Lulú atirou-lhe ao cucuruto da cabeçinha calvasinha (coitadinha!),—á laia dum ralo do Olimpio (o que é 1.º sargento da Guarda),—um jacto de liquido... «*inféquito*».

Gervasio recolheu ao leito, bastante nupcial, reconhecendo, apesar de concretamente embriagado, que a partida fóra bem feita.

... Mas, só no dia seguinte, soube que o liquido com que a digna e loira esposa o alvejara fóra uma preciosa e carissima garrafa de *Aguardente da Madeira*, com que Lulú (que todos os dias—caramba!—quasi todas as horas, duramente lhe censurava as flatulencias alcoolicas) se embebedara, descaradamente, na propriamente dita *vespera*, na companhia assaz medieval do sr. Quirino Avelino de Jesus (que Deus haja!).

CIRANO DE VELHOFRAC.



— As tarifas vão aumentar?
— Vão, sim, senhor.
— Então talvez seja melhor comprarmos mais bilhetes...

Elevador da Gloria

Entre amigas:
— Como conhecestes o teu segundo marido?
— Andava passeando com o primeiro quando o segundo o atropelou com o seu automovel...

Os sabios:
— O doutor acredita que o genio se perca?
— Não sei, não tenho filhos...

O medico Antunes vai no acompanhamento dum enterro.

— Um cliente? — pergunta-lhe um conhecido, que tambem vai no cortejo funebre.

— Não — responde o medico, dissimulando a custo a sua satisfação — um colega!...

Na rua:
— Como conheci teu pai, dou-te vinte mil réis!...

— Mas, o meu bemfeitor tambem conheceu o meu avô...

No escritorio:
O *patrão*: — Sou obrigado a dizer-lhe que o senhor errou este calculo...

— Desculpe, o amor é que me faz errar os calculos! Se me concedesse a mão de sua filha!...

— Outro calculo errado!...

Em casa de judeu:
O *filho estudando*: — Papá, se eu emprestasse 100 libras a 15 por cento ao ano...

O *pai*: — Meu filho, isso era um rasgo demasiadamente caricativo...

Perante o notario:
— Quero que redija o meu testamento da maneira a que não se preste a más interpretações.

— Sem duvida!
— Não quero ter desgostos depois de morto...

O *mercetio*: — O que está o menino fazendo parado ha tanto tempo em frente da montra?

O *rapazito*: — Nada! Estou vendo o que poderia ter comprado se não tivesse perdido dez tostões...

— Mas, sinceramente, você gosta de ouvir as conferencias que seu pai faz sobre direito internacional?

— Gosto mesmo! Só quando as faz — e que ele pode afirmar alguma coisa com ser logo contradito pela mamãe...

Cachapolete

D. Pepa, que é esposa dum escritor, E nasceu na toleira Andaluza. Conservou sempre um natural pendor Pelos assuntos da tauromaquia.

Mezmo a lidar nos afazeres caseiros, Abre o pano do pó, qual um capote; Só usa os termos classicos, toleiros, E chama a seu marido *Capirote*.

Do esposo, que é literato consagrado, E já da Academia ostenta os loiros, Diz ella, com seu seatro pelos toiros, Que é entre os mais autores o mais... citado.

Ora um dia, ao seguir p'ra uma toirada P'lo braço do marido tão grotesco, Passaram numa volta duma estrada, Junto a um andaime inda pintado a fresco:

D. Pepa, toda tauromaquia, P'ró meio do caminho, ao pobre, impele-o, Dizendo rancorosa: — «Que mania! Não te encastra as taboas, o Cornello!»

JOAO FERNANDES.

Passam coisas em Chicago que me põem mesmo gago! Pois, não diz hoje um jornal que no meio da bacanal duma *troupe* de boémios, os policias abstémios entraram com maçaricos, levando pobres e ricos, «ap'sar de desapar'cidas as mil provas das bebidas»?!

Francamente não compreendo, mas p'lo mesmo preço a vendo...

Pôr garrafas a mexer é bem facil de fazer, e não ha dificuldade em conceder liberdade do *champagne* e do licór 'scaparem num corredor. Mas não posso perceber que façam desaparecer — não venham p'ra cá com lóas! — os vestigios... nas pessoas.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Publicações

«Aquila»

Está publicado o n.º 42 da revista *Aquila*, do Porto, que, entre outro original, insere a novela «A Ameaça Silenciosa» de Jorge Ramos, «A Estranha Aventura de Cheng-Hong-Mat-Su» e varias novelas, poesias, artigos, etc. Anuncia para um dos proximos numeros as reportagens «As Noites Misteriosas de Dublin», pelo Reporter Diabo, e o grande romance «Os Dramas do Frio Amarelo», por Jorge Ramos, seu redactor principal.

Sortes grandes?

— Não se sabe.

— Não se sabe.



— Não se sabe. Mas se o conflito da serraria?
— Não se sabe. Mas se o conflito da serraria?
— Não se sabe.



—Encolha essas pernas para eu passar!

Pratos do dia!...

A gastronomia é a arte de se servir das coisas que a natureza põe à nossa disposição.

Para quem come todos os dias, é muito conveniente saber o que come. Vamos, pois, dar aos leitores algumas noções sobre peixes e legumes.

Os peixes, como se sabe, são animais de sangue frio, como os aviadores, os dentistas, os mergulhadores e os equilibristas.

Sem entrar em detalhes escusados, vejamos algumas espécies de peixe.

Em primeiro lugar, temos o *linguado*. Ha varias maneiras de o fazer e de o comer.

Os franceses chamam ao linguado *sole*. Daí vem o mais vale *sole* que mal acompanhado. Nas classes operarias é o *sole* bastante apreciado porque dele nasceu a *solidariedade*.

Temos também a *solha* e o *pregado*. Ha igualmente *solhas* bem *pregadas* (uma delas podia ser em quem faz este artigo).

A seguir pode contar-se a *raia*, que é um animal maritimo muito apreciado. A sua influencia na vida da humanidade é tão grande que ha o *raí* que o *parta*, o *raio d'acção* e outras especialidades em homenagem ao marido da *raia*. Também se conhece a *raia*, *fronteira*, e o *dar raia*.

E' da mesma maneira bastante conhecido o *pargo*, tanto que a gente diz muita vez: — «aquele tipo é par-vo»...

Vejamos agora, também a *super-na* confecção dos peixes acima citados.

A *cenoura*. A *cenoura* é uma coisa doentia, e a afirmar-lo está que, que, mesmo depois de cozida, fica amarela a valer.

Ha quem pretenda que as *senhoras* pertencem à mesma familia, mas nada se sabe ainda de positivo.

Em França, ás *cenouras* chamam *carottes* e são ali muito apreciadas. As *carotidas* são uma variedade pouco usada nas cozinhas.

Os *gretos* bons são hoje difíceis, mas servem à maravilha, porque ha quem goste de *salmonete* na *grela*, ou melhor, *salmonete grelhado*.

A *findar*, temos a *pimenta*, condimento apreciadissimo nas revistas e para os velhos de setenta anos.

Temos também o sr. Alfredo Pimenta, mas esse nem os velhos de setenta anos o toleram.

O leitor deve já estar decididamente elucidado com estas indicações. Qualquer dia, porém, daremos outras.

Narciso Pançudo e a cura do seu reumático

Narciso Pançudo, funcionario publico encravado, acusava todos os meses, no seu orçamento domestico, um *déficit* brutal, que as melhores soluções de economia não conseguiam atenuar. Principiou por reduzir em casa os chamados gastos superfluos, deixou de fumar, jamais comprou as gazetas, porque todas as tardes e á noite lia os *placards* dos jornais, não voltou ao teatro nem mesmo com bilhetes de *claque*, incompatibilizou-se com o alfaiate, teve um sério conflito com o sapateiro em virtude do ultimo concerto, e quando alguém o convidava a tomar um «carapau», designação pitoresca que arranjou para os «copos» e no sentido de iludir a consorte, que por sinal era uma santa, corria pressuroso e vingado por deste modo contribuir para o encerramento das tabernas. Não era anti-alcoolico, antes o conhecia por antigo alcoolico, mas tinha grande prazer em suprimir os lucros desses comerciantes.

Malgré todos os seus planos de equilibrio financeiro, o dia trinta de cada mês era sempre o dia de finados da sua casa. O senhorio, que não era para festas e tinha arquivados na secretaria uns bocados quadriculares de papel branco que colava nos vidros das janelas, levava-lhe parte dos honorarios. Distribuida uma pequena percentagem pelas varias associações mutualistas—este rapaz tinha um grande sentido do futuro... devido á doença que o minava ha anos—restavam-lhe uns poucos escudos para todos os outros gastos e, especialmente para um: o tratamento do reumático.

Desde creança que Narciso era Pançudo e reumoso. Disseram-lhe um dia que aquilo era gôta. Não acreditou porque toda a vida não tinha feito outra coisa senão ingerir gôtas... «A gôta—pensava—só ataca as pessoas que não teem o meu passado: a frequencia em todas as locandas».

O que é certo é que Pançudo narcizava-se bastante com o reumático. Digressou por todos os curandeiros sem obter resultado. O «Endireita», a sua ultima esperança, deu-lhe um torçegão com tal violencia na perna enferma que Narciso pagou imediatamente a consulta com um sopapo e veio desacreditar o «famoso» curandeiro.

Vasculhou todos os reclames, bateu todos os pontos de cura, fez uma vez uma viagem em pensamento até á Alemanha, em demanda da salvação, foi ter com bruxas, besuntou-se com todos os unguentos reclamados, esfregou a maldita perna com todas as materias sebosas e só teve um resultado: estragar a roupa que vestia. E se mais não fez foi porque o ir-

requieto dia trinta de cada mês o espreitava como um membro da «Tcheka» russa e o ameaçava severamente...

Desiludido com os progressos da medicina, incluindo os da «asue-rana», Narciso Pançudo limitou-se durante muito tempo aos seus lamentos e anatemas, contorcendo-se com dores e injuriando os medicos, que não descobriam a sua doença e muito menos a souberam tratar.

Um dia, na repartição, um bom colega, condoído com a sorte de Pançudo, prometeu trazer-lhe, oferecido, um medicamento inglês afamado que certamente lhe havia de fazer passar as dores. Uma pessoa amiga experimentara-o já, obtendo, senão uma cura radical, pelo menos grandes alivios. Arrastava-se com dificuldade, mas desde que applicara o remedio dos «bifes», era outro.

Narciso não acreditou. Trocou impressões com sua mulher, que, mais resignada e deseiosa de o ver bom, o aconselhou á experiencia.

Certa tarde, o bom do Pançudo apareceu á esposa com o medicamento. Vinha dentro de uma bisnaga e esta tinha como embalagem uma esguia caixa de papelão com letras amarelas. Narciso leu atencioso a formula, mas não percebeu patavina porque estava na lingua de Shakespeare. De inglês só conhecia a palavra «miss»...

Mas tratava-se de pomada e não era preciso fazer consulta. Começou a esfregar cautelosamente a perna. «Devia ser assim. Se não fôsse também não havia perigo»...

Na manhã seguinte, a esposa, meio alvoroçada, perguntou-lhe:

—Estás melhor?

Narciso fez uma contracção nervosa e exclamou:

—Sinto mais alivio. Parece-me que desta vez atinei!

Passaram-se mais uns dias e o nosso Narciso Pançudo apareceu rejuvenescido: a famosa pomada «inglesa» curara-o.

Foi um acontecimento para a familia. A nova correu as casas das relações do empregado publico e as visitas aumentaram.

Madame Dulce, senhora portuguesa de esmerada educação feita em Inglaterra, foi apresentar as suas felicitações á esposa de Pançudo. Esta, radiante, fez-lhe um largo relato da odisseia do marido e acabou por lhe mostrar a calxinha de papelão que envolvia a bisnaga da pomada.

Madame Dulce leu e fez a tradução rapida:

«Mata todos os parasitas á superficie da pele»...

Narciso Pançudo mordeceu o labio superior, assegurando:

—Pois foi essa pomada que me curou do reumático...

FREAL.



— Pronto!

Coisas de miudos

O Pedrito sempre foi muito cá-bula, sempre gostou mais do recreio que dos livros. E assim, durante as aulas, só a pensar na brincadeira, estava quasi sempre distraído; tudo o que sabia era de ouvido, o que apenas por acaso lhe tinha ferido os tímpanos.

Mas, apesar disso, apesar de não saber quasi nada, á mesa, com os irmãos mais applicados, sempre gostava de meter em tudo a sua colherada e largar a sua sentença. Mas, dada a sua falta de preparação, geralmente dava bota.

Algumas, por exemplo:

Certo dia, os irmãos falavam de varias medidas de superficie e lineares, e o Pedrito, diante da admiração de todos, lá foi falando também em metros e em quilometros, decímetros e centímetros, até que um dos irmãos, para o entalar, lhe perguntou:

— Bem, de superficie são metros, decímetros e centímetros quadrados, mas se forem de volume, como se chamam?

E logo o Pedrito, muito ancho:

— Centímetros publicos...

Uma outra vez, a mãe, já desgostosa com a sua cabulice, lamentava-se e dizia-lhe, a fim de o convencer a mudar de vida:

— Tens de pensar a sério na vida, tens de brincar menos e estudar mais, porque assim, por este andar, não sei o que vais fazer; assim só podes ter um pessimo futuro, um futuro desgraçado...

E ele, que nesse dia tinha ouvido no collegio os varios tempos dos verbos:

— Um futuro imperfeito...

Ultimo recurso

Entrou num carro fechado Fabricio Nunes Leão, que ia bastante engripado direito ao Conde Barão.

Do seu lugar tomou posse e avançou com *sete e meio*, quando de repente a tosse aos gorgomilos lhe veio.

E leu, pondo-se a tossir, entre o fumo dum cigarro: «E' proibido cuspir em qualquer parte do carro, pagando quem infringir vinte escudos cada escarro»...

Pela tosse provocada, eis lhe chega um cuspo mole, que o pobre do desgraçado com fela careta engole.

E chegando a casa, lê-lhe, diz á mulher o nos meados: — Agora mesmo no eléctrico eu engali vinte escudos...



— Tens o cuspo todo cheio. Não se lembra vai, não é meu nome. — Deixa lá, sempre se ha-de arranjar um caminho...

Rua do Mundo, 118

"Boa" administradora

Nem só os Juizes de Instrução (oh!) Criminal dão-ensejo a que se faça fixe e genuinamente graça portuguesa.

Tambem o 2.º andar do velho e amarelo pardieiro da Boa Hora, onde funciona o Cível (uh!) faz rir muita gente boa e, porventura, séria...

Ha dias, um dos nossos reporters assistiu a uma dessas curiosas e mais que interessantes audiencias. Tratava-se dum caso de posse de bens.

Cartorio repleto. As testemunhas e as outras partes constantes do processo fazem os comentarios a seu bel-prazer.

Até que entra — o magistrado. Depois das formalidades legais, o juiz para a arguida:

— Diz o autor que v. ex.ª se aposou de toda sua fortuna.

A ré, senhora esbelta e formosa, responde com todo o cinismo: — E' verdade.

— Achou-se com direito para o fazer?

— Sem duvida. Porque me nomeou sua administradora. E, assim, apossou-me dos seus bens...

— ... para os administrar.

— Claramente.

O juiz, carregando varamente, o sobancelno:

— Mas o autor queixa-se de que v. ex.ª só lhe entrega infimas quantias, as quais lhe não dão prazer...

— Sim?

— E diz mais que o produto de tudo que v. ex.ª, D. Violeta, transaccionou, o tem posto em seu nome, e que, como empregada, v. ex.ª faz despesas que não estão em harmonia com o ordenado respectivo.

Ela, toda presumida:

— Se o queixoso não sabe o que são economias! Foi simplesmente por isso que lhe tirei tudo, como ele diz.

E acentua:

— Quem participa d'outrem de-seja defender as partes...

O magistrado:

— Confessa, então, v. ex.ª que lhe tirou tudo?

— Confesso. Ora, sendo o queixoso muito perdulario, eu tirei-lhe tudo para ele não ficar sem nada!...

E a ré foi absolvida.

IVINHO.

Um abraço dar-te quero
Por te ver tão apumado;
Andavas alcachinado,
Fôste ter com o Asuero?
— Nada disso, amigo Anthero
Eu fui bem perto daqui;
Anda comigo d'ahi,
E p'ra esquecermos o tédio
Vem tomar o meu remedio
Qu'è a *Ginginha Rubi*.

R. Barros Queirós, 27
LISBOA

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

O proximo numero de

KINO

su... ..

DESSPORTOS

Não ha conflito nenhum

Não ha conflito nenhum. Simples questão de zum-zum, ou delirio de jornalista, na confusa circunstancia, ha apenas discrepancia de varios pontos de vista.

A bola — quem lhe passa pela tola, quem atina, quem á cabeça lhe vem, que perdesse a unidade, o exemplo de austeridade, o exemplo de disciplina? Ninguém! Simples questão de zum-zum, — Não ha conflito nenhum.

De acôrdo está toda a gente, exemplarissimamente.

O *Diario de Lisboa*, em prosa feita, da boa, de alarme lançou o grito de que havia desunião, e queria a conciliação, por qualquer autoridade que ao bom senso desse a mac.

Refinada ingenuidade!

A'cerca de autoridade todos eles tem-na toda, dentro e de fora da lei. A Italia vem ai? Este chora, aquele ri?

— Portugal é lauta bôda, lobos famintos comei!

Ha mesmo um jornal que diz, em lauda forte e feliz, que o jornalista está porco, que foi soprado e é ôco, que talvez seja sincero, mas que nesta situação mais val' perder vinte a zero que perder a Associação.

E não ha aqui mais nada.

Está dito, está lá escrito: vença o «ego sum qui sum», pois não ha nenhum conflito, não ha conflito nenhum.

Rixe quem rixe, ralhe quem ralhe, malhe quem malhe: a bola está «Sempre Fixe».

Com franqueza, aqui p'ra nós: ha qualquer sintoma ou acto

feito em publico, ou a sós, que demonstre que a questão passou a vias de facto?

Não. Só zum-zum. Por conclusão: não ha conflito nenhum.

De acôrdo — porque não estar? — E acabo por concordar com a Nossa Associação, com a sua direcção, mais a da Federação, e com toda a opinião respeitante á selecção.

Haja fé. Ganhar, lutar, não importa, fiquem caprichos de pé, quem quizer que feche a porta.

E eis' porque digo, quasi falando comigo, num ensaio de jornalista, que não quer ser pim-pam-pum:

— São tudo pontos de vista, não ha conflito nenhum.

ULTIMA HORA

Já se sabe: para que o «gachis» acabe na parte que se refere ao jogo internacional a fazer na capital, a nossa Associação quer transaccionar a adesão com algumas piadinhas e uma excelsa condição:

que a receita tenha a distribuição feita integralmente p'ros pobres.

Ante os sentimentos nobres que no caso estão patentes ha conclusões «videntes»:

Quem tem andado tão «mal» quem tanto «mal» tem já feito, — de boa fé verdade é — não provocará estranheza que num generoso gesto composto de subtiliza, em que os outros é que dão a cla não dá vintem, estenda a mão e faça algum «bem».

MANOEL GOIS.

Prosa de Cha-Velino

Mestre Segurado deu aos jornais uma entrevista ácêrca da epoca tauromaquica que, domingo de Páscoa, se inicia no Campo Pequeno. Confessa Mestre Segurado estar «um tanto desgostoso por não poder realizar todos os planos que tinha imaginado. Varias intrigas e ofertas de maior renda á E. T. L., por entidades que trabalham na sombra, etc.»

Estas intrigas e ofertas dos da sombra afigura-se-nos «piada» do sol; mas compartilhamos o desgosto de Mestre Segurado por não se poderem realizar «todos os planos que tinha imaginado», porque imaginação não falta a Segurado.

E a prova está em nos anunciar na mesma entrevista que, «entre outros, tourearão no Campo Pequeno, Marcial Lalanda, «Nino de le Palma», «Gitanillo de Triana», Puentes Bejarano, Mancoel e José Bienvenida, Enrique Torres e outros».

Muito bem. Mestre Segurado assim e que é, e nós cá ficamos á espera de ver todos esses «primeiros», e o primeiro que ha de vir, que é o ultimo, o Enrique Torres.

Depois, reterido-se á reconciliação profissional de dois cavaleiros tauromaquicos, diz Mestre Segurado ao seu hipotético entrevistador:

— «Espanto-me de que tenha sabido esse segredo...», etc.

Não se espante. Mestre Segurado, não se espante porque nós também já nos não espantamos de coisa alguma.

Quanto á «matéria prima» — expressão já consagrada — diz Mestre Segurado que «estão entabuladas negociações com os melhores criadores de gado».

Isto de touros entabulados parece-nos azar e indicativo de que os boisinhos estão destinados a «entabular-se» nas taboas, o que, alias, estamos habituados a ver por parte dos va' los mansos.

Mas como Mestre Segurado declarou ter comprado sessenta e tal touros de uma «casta» espanhola «que deveu marcar pelo seu tipo e apresentação», esperamos que estes marquem também pela bravura...

E, registand' que se realizarão corridas extraorlinarias, como as de Simão, Nuncio e Agostinho, Imprensa e Associação de Toureiros, folgamos em que o sr. Inspector Geral dos Espectaculos tivesse accedido a suggestão que aqui demos no sentido de serem autorizados picadores para validar a apresentação das gra' figuras tauromaquicas.

PEEZ LA CHAISE.



— Como consegue a senhora ter un' dentes tão brancos?
— Isso é porque a mãe os mete todas as noites dentro d'agua...

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Est. de Imp. 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

MODERNISMOS



—Toma cautela, Alice, olha aquele velhote!
—O' filho, tu bem sabes que sempre embirrei com velharias!

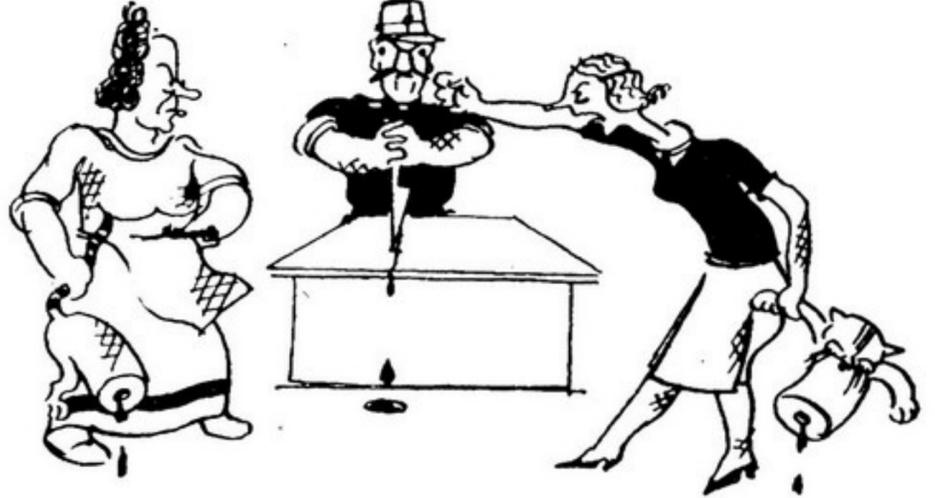
JOIAS, PRATAS, OURO E RELOGIOS

VENDE e compra com responsabilidade e competência.
JORNAL e organisação de trabalhos com responsabilidade em trabalhos em...
JOLHARIA MORAIS — Rua Nova de Almeida, 98 e 94.
TELEPHONE 2 7662

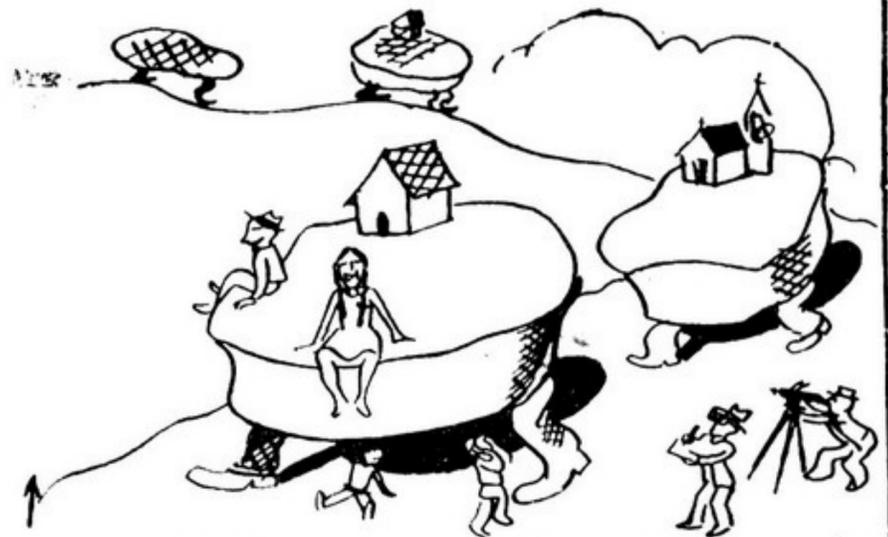
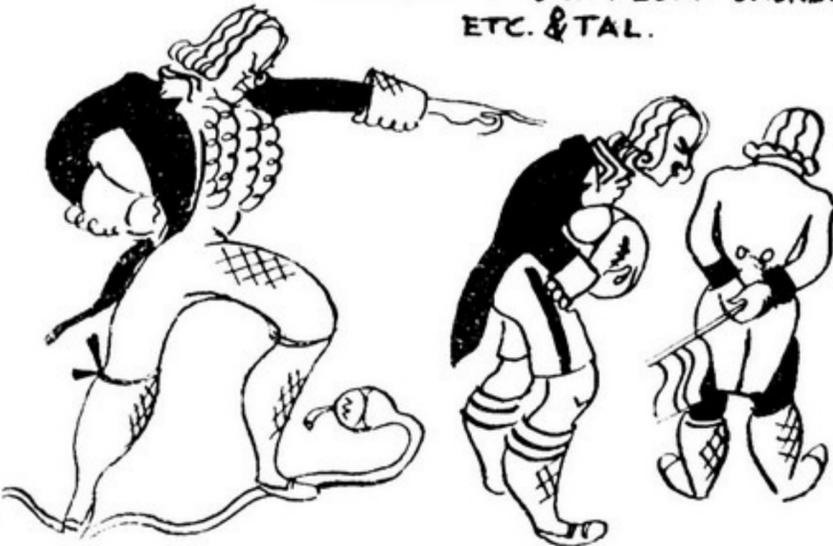
ECOS DA SEMANA

ERA DUM BELO GOSTO A DECORAÇÃO DA MONTRA DO GRANDSELLA ONDE EXPUNHA O LIVRO QUE O COVER NO BELGA OFERECEU AO SOLDADO DESCONHECIDO ... GRANDELLÍSSIMA VERGONHA!!!

Por causa duma gata houve grande discussão na Polícia SENDO NECESSARIO CORTA-LA AO MEIO PARA SATISFAÇÃO DE AMBAS AS PARTES.



SE VIVO FOSSE O MARQUEZ DO POMBAL NOS EIXOS LOGO ENTRAVA O FOOT-BALL E FORMAVA-SE UM TEAM COLOSSAL QUE GANHAVA O CAMPEONATO MUNDIAL ETC. & TAL.



EM SARDÓIA CONTINUAM A ENSABOYAR O JUÍZO DOS ENGENHEIROS OS MONTES QUE, ANDANDO TÃO DEPRESSA, OS NÃO DEIXAM VER BÓIA.

GEORGE ENESCO ENBORA SE ESTEJA A RIR É UM MUSICOMUITO SÉRIO. PORTOU-SE À ALTURA A ALBERT T. NINHA QUE O ACOMPANHOU



NO CONCERTO DE BEETHOVEN É UMA MASSA PROFUNDA A REGER A RAPSO DIA HARECE QUE QUER BATER

PARABENS A MARIA ADELAIDE



GHANDI TOMOU NOVAS POSIÇÕES PARA SE DEDICAR NO VAMENTE A COISA DO SAC.